

O desempenho da indústria em 1999

*Maria Lucrecia Calandro**
*Silvia Horst Campos**

A avaliação retrospectiva da atividade econômica brasileira em 1999 recupera alguns aspectos que devem ser destacados. O primeiro refere-se à não-confirmação das previsões generalizadas de recessão econômica e de aceleração das taxas de inflação, efetuadas por analistas econômicos e empresários e corroboradas pelo próprio Governo, como decorrência da desvalorização cambial. O segundo remete ao satisfatório cumprimento das metas necessárias para o equilíbrio das contas públicas, acordadas com o FMI ao longo do primeiro semestre, mais realistas do que as firmadas em situações anteriores. O terceiro diz respeito ao fato de a desvalorização cambial não haver se traduzido em efetivo crescimento das exportações brasileiras nos volumes e nos tempos esperados. Um último aspecto consiste na continuidade da entrada de fluxos de investimentos diretos em volumes suficientes para o financiamento do déficit em conta corrente.

No ano em análise, a indústria brasileira retomou uma trajetória de moderada recuperação dos níveis de produção, que se encontravam deprimidos desde 1997, em razão dos ajustes na política econômica do Governo impostos pela crise das Bolsas asiáticas. A partir da segunda metade daquele ano, observou-se uma desaceleração da atividade industrial induzida pela brusca e brutal elevação da taxa de juros e pela implementação de um pacote fiscal contracionista. Após uma breve recuperação na produção industrial, voltou a ocorrer uma nova desaceleração a partir de setembro de 1998, em razão, principalmente, da implementação de um novo "pacote" governamental restritivo. Em um contexto de recorrente instabilidade financeira, as medidas governamentais impactaram fortemente o setor produtivo, refletindo-se em quedas sucessivas nos níveis de

* Economista, Técnica da FEE e Professora da PUCRS.

As autoras agradecem os comentários e sugestões à versão preliminar do texto, efetuados pelo colega Rubens Soares de Lima, bem como o apoio técnico fornecido pelo estagiário André Grudzinski.

produção. As previsões de declínio na atividade fabril, então realizadas para o ano de 1999, foram reforçadas com a desvalorização cambial de meados de janeiro desse ano. Porém as especificidades da indústria brasileira permitiram que a produção industrial, a partir de março, iniciasse uma lenta recuperação, como será visto na análise dos índices de produção física do IBGE.

A atividade industrial brasileira: lento caminho de recuperação

Pelo segundo ano consecutivo, a indústria brasileira deverá registrar uma taxa de crescimento negativa. No ano de 1998, a atividade industrial, medida pelo índice de produção física calculado pelo IBGE, situou-se em -2,2%, em decorrência, basicamente, das medidas de política econômica implementadas pelo Governo brasileiro para fazer frente à crise no mercado financeiro internacional. As medidas contracionistas resultaram no fraco desempenho da produção industrial, notadamente dos bens de consumo duráveis. A acentuada redução da atividade fabril teve impactos sobre o desempenho da indústria nos primeiros meses de 1999, o que contribuiu para a formação de uma taxa de crescimento acumulada negativa (-1,5%) no período jan.-nov./99.¹ A inclusão das informações relativas ao mês de dezembro, segundo estimativas preliminares, provavelmente reduzirá a magnitude da queda, visto que a atividade industrial vem apresentando, nos últimos meses, variações positivas na produção, caracterizando uma lenta recuperação.

A análise dos índices mensais de produção física dessazonalizados ratificam essa constatação. Outros indicadores do nível de atividade fabril, tais como emprego industrial, comportamento das vendas, uso de energia elétrica, permitem confirmar o movimento de moderado crescimento. Projeções preliminares, realizadas pelo IBGE, estimam um crescimento do Produto industrial em torno de 2% no ano 2000. A se confirmarem essas previsões, eleva-se o nível de produção industrial sem, contudo, retornar ao patamar atingido em 1997.

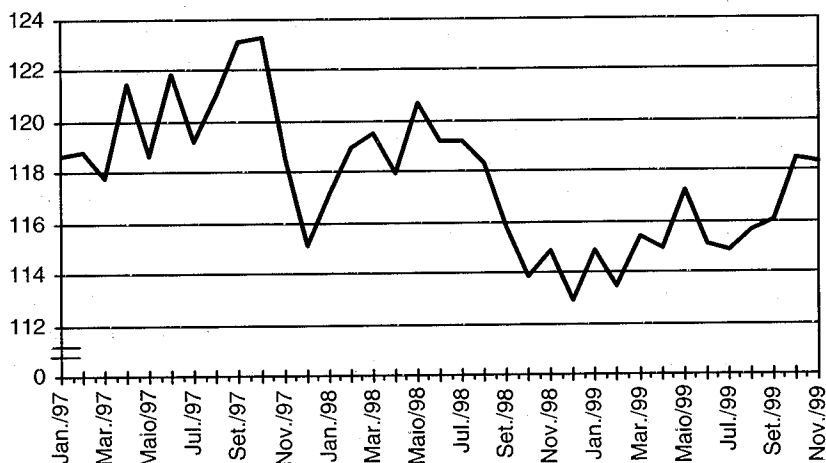
Cabe ressaltar que esses dados se referem à indústria geral: extrativa e de transformação. Se forem consideradas somente as informações relativas à transformação, no acumulado jan.-nov./99, a queda na produção será ainda maior, -2,63%, no período em análise. A extrativa mineral, por sua vez, apresentou uma taxa positiva de 9,70%, devido, principalmente, à expansão da produção de petróleo e derivados.

¹ Os dados de produção física industrial, calculados pelo IBGE, somente estão disponíveis até o mês de novembro. O indicador acumulado nos últimos 12 meses ficou em -1,6%.

A evolução mensal da produção física da indústria brasileira em 1998 e ao longo de 1999 pode ser visualizada no Gráfico 1. A análise dessas informações permite constatar que, embora com pequenas oscilações no nível de produção, o desempenho industrial, já nos primeiros meses de 1999, possibilitou reverter a tendência de queda observada no ano anterior, registrando, inclusive, um pico de crescimento no mês de maio.

Gráfico 1

Evolução mensal do índice da produção física da indústria geral brasileira — jan./97-nov./99



FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número índice (2000) [on line]. Disponível na Internet via WWW.URL <http://www.sidra.ibge.gov.br/> Arquivo capturado em 6 de jan.

NOTA: Os índices têm como base a média de 1991 = 100, ponderação pelo Censo Industrial de 1985 e ajustamento sazonal.

A trajetória de queda na produção teve início em junho de 1998 e foi aprofundada com as expectativas de propagação da crise russa na economia brasileira, levando a quedas consecutivas nos índices de produção física, atingindo um ponto mínimo no mês de dezembro. Em meados de janeiro de 1999, a

desvalorização cambial e a implementação de medidas de política econômica restritivas aumentaram a instabilidade e a incerteza no ambiente econômico, generalizando previsões pessimistas sobre os níveis inflacionários e de queda na atividade econômica.

No entanto, contrariando todas as expectativas, a mudança do regime cambial não aprofundou a queda no nível de atividade econômica, à semelhança do que ocorreu em outros países emergentes, e, já no início do ano, a produção industrial apresentou sinais de recuperação. Contribuíram para o não-agravamento da retração econômica o pequeno impacto da desvalorização sobre o nível de preços e a contratação de empréstimo com o FMI, com metas mais realistas. Isso, aliado à redução da taxa básica de juros, permitiu a recuperação do nível de produção industrial².

A retomada do crescimento da produção industrial, contudo, vem ocorrendo de forma lenta, através de pequenas variações nas quantidades produzidas, inviabilizando, desse modo, o retorno aos níveis de produção anteriores a agosto de 1998.

A tendência à retomada da produção industrial intensificou-se no segundo semestre do ano em análise. No período jan.-nov./99, as flutuações nos índices de produção física foram menores e, por três meses consecutivos, mostraram taxas de crescimento positivas. Em novembro, no entanto, houve uma pequena retração na atividade industrial — a taxa de crescimento desse mês em relação a outubro foi de -0,1% —, embora, na comparação com o mesmo mês do ano anterior, se observe uma expansão de 4,3%. Assim, a pequena magnitude dessa redução indica uma estabilidade da produção e não compromete as previsões de recuperação no ritmo de crescimento da atividade fabril.

A Tabela 1 apresenta o desempenho da produção física por categorias de uso, comparando os anos de 1997, ano em que a atividade industrial registrou um crescimento significativo, 1998 e 1999 (até o mês de novembro). As informações da Tabela 1 permitem constatar que a queda na produção industrial, no ano em análise, se deveu ao comportamento bastante desfavorável dos segmentos produtores de bens de capital e de bens de consumo duráveis, que, pelo segundo ano consecutivo, apresentaram taxas negativas. Em relação à categoria bens de capital, houve um aprofundamento da retração da produção em 1999 em relação ao ano anterior, de -1,96% para -10,83%. Essa queda reflete as

² A recuperação da produção industrial pode ser atribuída às peculiaridades da economia brasileira, que permitiram que "(...) a maioria dos agentes se protegessem antecipadamente contra os riscos de uma desvalorização" (PASSOS, LIMA, 1999, p.59).

dificuldades com o financiamento, tanto para a produção quanto para o consumo, e a retração dos investimentos, ambos decorrentes da instabilidade da economia, da incerteza quanto ao comportamento das taxas de juros e cambial e da existência de um significativo percentual de capacidade ociosa em grande parte dos setores (DESEMPENHO..., 1999).³

No entanto, é o segmento de bens duráveis de consumo que acumula as maiores perdas. Apesar de os índices de produção física também registrarem taxas negativas nos dois últimos anos, a queda de 10,46% nas quantidades produzidas no ano de 1999, uma taxa semelhante à do segmento de bens de capital no mesmo período, significa perdas acumuladas maiores, pois incidiu sobre uma base de cálculo muito mais deprimida. Em 1998, a produção de bens duráveis caiu 19,57%.

Tabela 1

Taxas de crescimento acumulado da produção física da indústria,
por categorias de uso, no Brasil — 1997/99

SEGMENTOS	ACUMULADO NO ANO (1)			ACUMULADO DE 12 MESES (2)
	1997	1998	1999 (3)	1999 (3)
Bens de capital	4,81	-1,96	-10,83	-10,83
Bens intermediários	4,60	-0,74	1,07	0,86
Bens de consumo	1,15	-5,41	-3,72	-3,50
Duráveis	3,49	-19,57	-10,46	-10,25
Semiduráveis e não duráveis	0,46	-1,08	-2,01	-1,81
INDÚSTRIA GERAL	3,89	-2,08	-1,54	-1,61

FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número índice (2000). [on line]. Disponível na Internet via WWW.URL <http://www.sidra.ibge.gov.br/> Arquivo capturado em 7 de jan.

(1) Os dados têm como base igual período do ano anterior = 100. (2) Os dados têm como base os últimos 12 meses anteriores = 100. (3) Disponível até novembro.

A explicação para esses resultados pode ser encontrada nas próprias características dos produtos desses segmentos. Os produtores de bens de capital e de bens de consumo duráveis dependem fortemente das condições de

³ O índice dessazonalizado de utilização da capacidade instalada na indústria de transformação manteve-se praticamente no mesmo nível ao longo do período jan.-out./99. Em outubro, o nível médio de utilização da capacidade instalada ficou em cerca de 80%.

financiamento e, dessa forma, foram penalizados com o aumento das taxas de juros e com redução dos empréstimos, decorrentes dos elevados níveis de inadimplência. A produção de duráveis, contudo, vem se recuperando a partir do segundo semestre, e, em outubro e novembro, os índices de produção física mostram variações positivas (ver Tabela 7 do Anexo **Indústria**). Essas variações são devidas, principalmente, à redução das taxas de juros e à melhora das condições de crédito. A atenuação da queda pode ser parcialmente atribuída ao aumento da fabricação de veículos nos meses finais de 1999, embora o total produzido no ano em análise tenha sido o menor alcançado nos últimos sete anos.⁴ A contribuição da indústria automotiva para a formação do Produto industrial advém dos seus elevados efeitos encadeadores na matriz industrial. Assim, o aumento de 31,60% na quantidade de veículos montados, avaliado pelo indicador mensal de nov./99 em relação a nov./98, ocasionou o crescimento da produção física de outros produtos ligados à cadeia automotiva — autopeças, 25,90%; e borracha, 21,50% (CIARELI, 1999).

A categoria bens intermediários, com uma variação acumulada de 1,07%, foi a única a apresentar taxa positiva em 1999. Esses bens, por serem considerados *commodities* industriais,

“(...) tendem a mostrar comportamento mais estável, sem maiores oscilações, sendo também produtos passíveis de substituir mais facilmente o mercado doméstico por exportações, em momentos de retração da demanda interna. O desempenho mais favorável deste grupo reflete, inclusive, a melhora das condições do mercado internacional com a recuperação das economias asiáticas” (DESEMPENHO..., 1999, p.12).

A análise do desempenho da produção física, por classes e gêneros de indústria, para o período em análise (jan.-nov./99), possibilita desagregar um pouco mais essas informações. Entre os gêneros pesquisados constantes na Tabela 2, somente sete tiveram taxa de crescimento positiva no período analisado. A maioria apresentou queda na produção física, cabendo destacar a mecânica e material elétrico e comunicações, que, pela magnitude da redução nos volumes produzidos, foram os principais responsáveis pelas contribuições negativas para a formação da taxa de crescimento da indústria no período jan.-nov./99 em comparação com igual período do ano anterior.

⁴ Na comparação de nov./99 com nov./98, a produção de veículos cresceu 31,29%, segundo dados da Anfavea (Carta ANFAVEA, 1999).

A explicação para os resultados negativos observados nos dois gêneros deve-se ao fato de que estes representam uma parcela significativa das indústrias de bens de capital e de bens de consumo duráveis e são, portanto, bastante dependentes da disponibilidade de financiamento.

Tabela 2

Taxas de crescimento acumulado da produção física, por classes e gêneros da indústria, no Brasil — jan.-nov./99

CLASSES E GÊNEROS	JAN-MAR	JAN-JUN	JAN-SET	JAN-NOV
Indústria geral	-3,63	-3,23	-2,70	-1,54
Indústria extrativa mineral	14,67	11,67	10,38	9,70
Indústria de transformação	-5,45	-4,67	-3,95	-2,63
Minerais não-metálicos	-5,17	-4,83	-4,71	-3,48
Metalúrgica	-8,87	-6,38	-5,04	-2,57
Mecânica	-12,29	-11,41	-11,22	-9,07
Material elétrico e de comunicações ..	-13,53	-17,09	-14,22	-12,07
Material de transporte	-12,19	-14,40	-11,48	-6,98
Madeira	0,91	2,31	4,73	6,27
Mobiliário	-1,50	-4,56	-3,57	-3,35
Papel e papelão	3,04	4,04	3,59	4,48
Borracha	-3,92	-0,82	-0,17	2,73
Couros e peles	-8,50	-9,23	-5,75	-4,45
Química	-1,82	0,18	0,07	0,48
Farmacêutica	5,39	5,50	1,99	-0,55
Perfumaria, sabões e velas	2,54	5,70	5,80	6,43
Produtos de matérias plásticas	-1,46	-4,42	-7,05	-6,59
Têxtil	2,71	1,32	1,72	1,81
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	0,76	-1,02	-3,69	-4,24
Produtos alimentares	0,19	3,02	2,40	2,14
Bebidas	-9,67	-2,07	-1,66	-0,16
Fumo	-27,87	-14,00	-3,83	-6,60

FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número índice (2000). [on line]. Disponível na Internet via WWW.URL <http://www.sidra.ibge.gov.br> Arquivo capturado em 6 de jan.

NOTA: Os percentuais refletem a variação do período em relação ao mesmo período do ano anterior.

A contração da produção do gênero material elétrico e de comunicações decorreu, basicamente, da redução da produção de eletroeletrônicos e de eletrodomésticos, afetados pela forte retração no consumo doméstico e pelo acirramento da concorrência. O gênero mecânica, por sua vez, reúne os produtores de máquinas e implementos agrícolas, que, pelo segundo ano, amargaram quedas expressivas na produção e nas vendas. Após uma fase de euforia e de bons resultados no início de 1999, com as vendas de tratores e de

colheiteiras sendo realizadas em volumes expressivos, a partir do segundo semestre a comercialização desses produtos passou a enfrentar uma fase de quedas sucessivas. O encarecimento do financiamento e a queda nos preços das principais *commodities* no mercado internacional, embora o bom desempenho da safra agrícola, e a retração da atividade econômica foram responsáveis pela queda na produção e nas vendas. A retração do mercado interno somou-se a crise econômica argentina, que resultou na criação de barreiras aos produtos brasileiros. Essas dificuldades acarretaram forte redução da produção (-17,37%) e reduziram as exportações de máquinas agrícolas automotrizes em cerca de 50% em relação ao total exportado em 1998 (Carta ANFAVEA, 1999).

A contração na produção industrial também foi conseqüência do comportamento dos gêneros material de transporte e produtos de matérias plásticas, cujas taxas negativas se situaram em 6,98% e 6,59% respectivamente. O forte declínio na produção da indústria automobilística fez com que o volume produzido retornasse aos níveis alcançados na era pré-Real: a produção caiu 16,93%, e as vendas de veículos nacionais e importados no mercado interno tiveram uma redução de 18,37% (Carta ANFAVEA, 1999). O pior resultado, porém, foi verificado nas exportações, cuja redução de 37,46% foi de encontro à decisão estratégica, implementada pelas montadoras instaladas no País, de ampliarem o percentual de vendas externas face à retração do consumo doméstico. Os fatores apontados como responsáveis pelo forte declínio na fabricação de veículos foram: a recessão econômica, a elevada carga tributária, os elevados custos de financiamento e o aumento dos preços dos itens importados.

Dentre os gêneros que apresentaram desempenho favorável, destacam-se os que agregam os produtores de bens de consumo leves ou voltados para o mercado externo: perfumaria, sabões e velas; madeira; e papel e papelão. Um segundo grupo destaca-se com taxas de crescimento menores: madeira; têxtil e borracha, que tiveram taxas negativas no ano anterior. Esse resultado positivo nos índices de produção física em 1999 está relacionado à desvalorização cambial, que melhorou a competitividade desses produtos (Tabela 2).

As diferenças verificadas nos índices de produção física, agrupados por gêneros industriais, também são observadas quando se compara o desempenho do setor industrial nos 10 estados pesquisados pelo IBGE (Tabela 8 do Anexo **Indústria**). A comparação do mês de novembro de 1999 com o mesmo mês do ano anterior mostra que, com exceção do Paraná, todos os demais estados apresentaram taxas de crescimento positivas, o que confirma a tendência de retomada do crescimento industrial. O melhor desempenho coube ao Estado do Espírito Santo, tanto no resultado mensal, com a taxa de 19,00%, devido à expansão da extrativa mineral e de produtos alimentares, quanto no acumulado jan.-nov., com uma variação positiva de 8,80%. O segundo melhor

resultado no mês de novembro foi alcançado pelo Estado de Minas Gerais, com uma taxa de crescimento de 13,80%. Esse bom desempenho permitiu que a variação nos níveis de produção em 1999, avaliada pela taxa acumulada no período jan.-nov., passasse de um resultado negativo para uma taxa próxima de zero. O Rio Grande do Sul, com taxa de crescimento de 1,24%, ficou em quinto lugar, devido, sobretudo, ao fraco desempenho dos gêneros mecânica e mobiliário.

Lenta recuperação do nível de atividade industrial no Rio Grande do Sul

As estimativas do crescimento do PIB da indústria no Rio Grande do Sul para 1999, realizadas pela Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser (FEE), indicam uma expansão de 0,9% em relação ao ano de 1998.⁵ Ainda que baixa, essa taxa positiva contraria as previsões negativas feitas no início do ano, que indicavam uma forte recessão decorrente da crise do balanço de pagamentos ocorrida em janeiro, marcada por uma acentuada desvalorização cambial, seguida da liberação do câmbio, de taxas de juros em níveis muito elevados e de uma política fiscal contracionista. A indústria de transformação, que participa com 80,2% na composição do PIB do setor, foi, segundo a FEE, a principal responsável por essa expansão, com um crescimento de 1,5% no período.

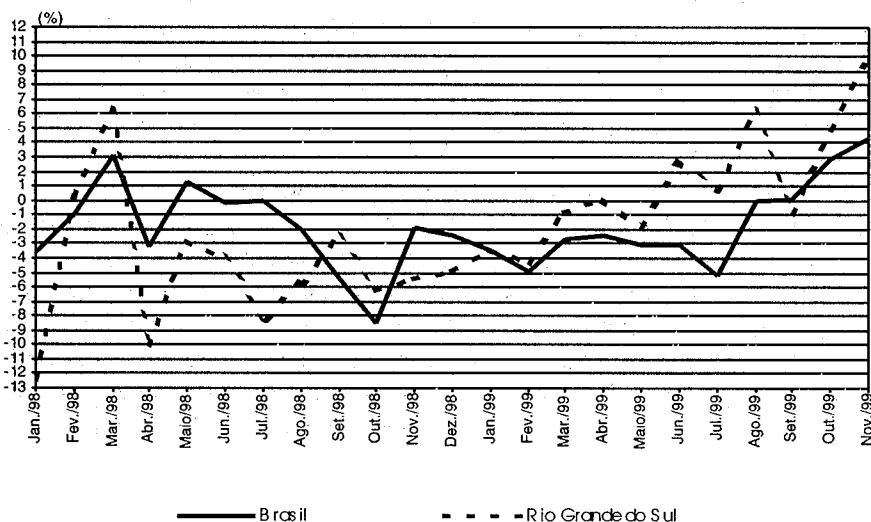
A comparação desses dados com as últimas estimativas do PIB brasileiro realizadas pelo IBGE mostra que o Produto industrial gaúcho apresenta um resultado superior ao nacional, uma vez que este registra um recuo de 3,0%, considerando-se as taxas acumuladas até setembro. Para a indústria de transformação, a queda é ainda maior: -3,4%. Em grande parte, são as diferenças significativas do perfil estrutural das indústrias gaúcha e brasileira e a importância do setor exportador, bem como os diferentes estágios tecnológicos em que se encontram, os fatores que explicam esses comportamentos distintos.

⁵ Desde a implantação do Plano Real em 1994, esta é a quarta vez que o PIB industrial gaúcho apresenta crescimento: em 1994 (10,4%), em 1996 (0,2%), em 1997 (12,3%) e em 1999 (0,9%). As taxas de crescimento em 1995 e 1998 foram negativas: respectivamente, -12,7% e -3,8%. Para maiores informações sobre as estimativas recentes do PIB do Rio Grande do Sul, ver **As Contas Regionais — Visão Global da Economia Gaúcha** neste número de **Indicadores Econômicos FEE**. As estimativas efetuadas pela Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (FIERGS) indicam taxas de crescimento positivas ainda maiores para a indústria gaúcha em 1999: 1,3% (INDÚSTRIA..., 1999b).

Esse quadro de relativa recuperação do setor industrial no Rio Grande do Sul também pode ser observado através da análise do comportamento dos indicadores mensais de produção física do IBGE. No Gráfico 2, as taxas mensais (comparando-se com o mesmo mês do ano anterior) registradas na indústria gaúcha (transformação e extrativa mineral) mostram uma tendência de melhora ao longo de todo o ano, passando de negativas para positivas a partir de junho (à exceção de setembro) e dando continuidade a uma trajetória iniciada ainda no segundo semestre de 1998. Isto, de modo diverso da indústria brasileira, onde a recuperação se fez presente apenas a partir de agosto de 1999, quando a taxa de crescimento mensal se reduziu para -0,06%.

Gráfico 2

Taxas de crescimento mensal da produção física da indústria geral
no Brasil e no RS — jan./98-nov./99



FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número índice (2000) [on line]. Disponível na Internet via WWW.URL <http://www.sidra.ibge.gov.br/> Arquivo capturado em 14 de jan.

NOTA: Os percentuais refletem a variação do mês em relação ao mesmo mês do ano anterior.

A análise do Gráfico 2 permite observar, também, que as taxas referentes ao desempenho da indústria gaúcha, em termos dessa comparação em bases mensais, voltaram a superar as da indústria brasileira durante quase todo o ano. O pior resultado de 1999 ocorreu no mês de fevereiro, quando o nível de produção recuou 4,32% em relação ao mesmo mês do ano anterior. A melhor taxa, por sua vez, foi registrada em novembro (9,97%) muito superior à da indústria nacional, que alcançou apenas 4,34%. A pequena taxa negativa de setembro, portanto, não se repetiu nos dois meses seguintes, de sorte que não representou uma nova inflexão de trajetória.

É importante ressaltar, entretanto, que as melhores taxas de crescimento mensal de 1999, especialmente as referentes ao segundo semestre, também refletem o mau desempenho do final do ano anterior, que criou uma base de comparação relativamente fraca. Nesse sentido, a trajetória da produção industrial brasileira e gaúcha pode ser melhor avaliada através da evolução dos índices de produção física do IBGE, com base fixa, num prazo mais longo.⁶

De imediato, é possível constatar que o patamar da atividade industrial, tanto do Rio Grande do Sul quanto do Brasil, não retomou os níveis de 1997, embora se deva destacar que a performance regional dos dois últimos anos tenha sido muito superior à de 1996, o que não pode ser afirmado para a indústria brasileira. Em segundo lugar, observa-se que, com exceção do terceiro trimestre de 1995, os índices referentes à indústria gaúcha sempre foram superiores aos da indústria nacional ao longo de toda a série, demonstrando um melhor desempenho na década de 90.⁷ Essa constatação também reflete um nível médio de utilização da capacidade instalada superior ao verificado no Brasil (LENTA..., 1999).

Mostra-se interessante comentar que os índices de base fixa de setembro, outubro e novembro posicionaram a indústria gaúcha em um patamar produtivo médio mais elevado do que o usual nessa época do ano. Embora menor do que o índice de outubro (138,57), o de novembro (135,08) surpreendeu pela queda pouco expressiva, pois, historicamente, os últimos dois meses do ano se caracterizam por arrefecimento da atividade industrial. Trata-se de um período em que, geralmente, se finaliza o atendimento aos pedidos efetuados no terceiro

⁶ A comparação só pode ser feita utilizando índices de base fixa sem ajustamento sazonal, pois o IBGE não disponibiliza índices dessazonalizados para o Rio Grande do Sul.

⁷ Com efeito, considerando-se o período 1991-98, enquanto a produção física da indústria brasileira cresceu em torno de 17%, a da indústria gaúcha situou-se em aproximadamente 29%.

trimestre e se inicia a produção para recomposição dos estoques. Entre os fatores explicativos apontados pelos técnicos e empresários, encontram-se, de um lado, o provável alongamento e/ou adiamento do prazo de realização dos pedidos à indústria e, de outro, a retomada de maiores volumes de exportação em setores representativos da indústria regional. Pode-se dizer, assim, que a relativa recuperação da indústria gaúcha tem sido alavancada pelo desempenho dos setores exportadores, refletindo as mudanças do regime cambial brasileiro, a retomada dos preços internacionais das *commodities* e a lenta recuperação das economias européia e asiática.

O comportamento relativamente expansionista da indústria no Rio Grande do Sul em 1999, comprovado pelas taxas acumuladas cada vez menos negativas, culminou, conforme pode ser observado na Tabela 3, em um resultado positivo para ambos os indicadores, no mês de novembro (na comparação com o acumulado no ano anterior, já haviam sido registradas taxas positivas em agosto e setembro).⁸

Tabela 3

Taxas acumuladas de crescimento da produção física da indústria do RS — jan.-nov./99

MESES	ACUMULADO NO ANO (1)	ACUMULADO EM 12 MESES (2)
Até janeiro	-3,54	-4,09
Até fevereiro	-3,94	-4,40
Até março	-2,69	-4,97
Até abril	-1,92	-4,03
Até maio	-1,89	-3,95
Até junho	-1,07	-3,36
Até julho	-0,82	-2,55
Até agosto	0,05	-1,55
Até setembro	-0,07	-1,42
Até outubro	0,43	-0,46
Até novembro	1,24	0,78

FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número índice (2000). [on line]. Disponível na Internet via WWW.URL <http://www.sidra.ibge.gov.br/> Arquivo capturado em 12 de jan.

(1) Os dados têm como base igual período do ano anterior = 100. (2) Os dados têm como base os últimos 12 meses anteriores = 100.

⁸ A evolução dos índices trimestrais de produção física da indústria gaúcha também refletem essa trajetória: -2,8% no primeiro trimestre; 0,4% no segundo; e 1,9% no terceiro.

Confirma-se, assim, a idéia colocada na análise do desempenho da indústria do Rio Grande do Sul no primeiro quadrimestre do ano de que a evolução dos índices de produção física naquele período apresentava um movimento crescente e linear, que sugeria uma inflexão na curva descendente que marcou o desempenho da indústria ao longo de 1998 (PASSOS, LIMA, 1999). Portanto, com base nessa trajetória, a produção física acumulada no ano deverá fechar o ano com resultado positivo, quando comparado com o de 1998. Tal projeção é corroborada pelas estimativas do PIB anteriormente apresentadas, que indicam um crescimento de 0,9% para a indústria gaúcha em 1999.

Com o resultado de novembro acumulando uma taxa positiva de 1,24% nos primeiros 11 meses do ano e de 0,73% nos últimos 12 meses, delineia-se um quadro de recuperação sustentada do nível de atividade na indústria do Rio Grande do Sul, a exemplo de vários estados brasileiros, confirmando a justeza da revisão das previsões referentes ao desempenho da economia brasileira a partir de março.

Outro indicador que aponta para a recuperação da indústria é a evolução do emprego no setor. Tanto os dados do IBGE quanto os da FIERGS indicam aumento das contratações na indústria de transformação, nos últimos meses de 1999. O Índice Conjuntural de Emprego Industrial (ICEI), por exemplo, apresentou, em novembro, uma taxa positiva pelo quarto mês consecutivo. O crescimento de 0,81% em relação a outubro recupera o nível de emprego de janeiro (SEVERO, 1999).

O desempenho segundo os gêneros industriais

O desempenho positivo da indústria gaúcha em novembro foi resultado de avanços em 14 dos 18 gêneros industriais pesquisados pelo IBGE em nível regional. Apenas quatro não apresentaram taxas de crescimento positivas nesse mês, contra nove em setembro e seis em outubro, o que permite pensar que a indústria gaúcha realmente se encontra em uma trajetória expansiva (Tabela 4).

Esse bom resultado também pode ser observado na taxa acumulada até novembro. De um modo geral, observa-se uma predominância de taxas de crescimento positivas no acumulado jan.-nov./99, algumas delas bastante expressivas. Onze gêneros contribuíram positivamente para a formação da taxa acumulada até novembro, sendo que oito (metalúrgica; papel e papelão; têxtil; química; perfumaria, sabões e velas; borracha; bebidas; e fumo) melhoraram sua performance ao longo do ano. Alguns deles, como o fumo, inclusive evoluíram de resultados negativos ao final do primeiro trimestre para taxas positivas no acumulado do período. Por outro lado, sete gêneros industriais (minerais não-

-metálicos; mecânica; material de transporte; mobiliário; couros e peles; vestuário, calçados e artefatos de tecidos; e produtos alimentares) chegaram em novembro apresentando taxas de crescimento acumulado negativas, embora alguns tenham melhorado o seu desempenho ao longo do ano. Apenas a produção de minerais não-metálicos evoluiu de taxas negativas no primeiro trimestre para positivas no acumulado até novembro.

Tabela 4

Taxas de crescimento acumulado da produção física, por classes e gêneros da indústria, no RS — jan.-nov./1998-99

CLASSES E GÊNEROS	NOV/99 (1)	ACUMULADAS NO ANO (2)				
		Jan.-Nov./98	1999			
			Jan.-mar.	Jan.-jun.	Jan.-set.	Jan.-nov.
Indústria geral	9,97	-4,73	-2,69	-1,07	-0,07	1,24
Indústria extrativa mineral	22,38	-17,08	14,16	17,79	17,41	16,93
Indústria de transformação	9,92	-4,68	-2,75	-1,13	-0,12	1,19
Minerais não-metálicos	2,13	7,88	7,18	5,40	0,31	-0,20
Metalúrgica	15,66	-2,09	1,62	5,56	7,77	8,84
Mecânica	-8,71	-0,47	-14,75	-13,45	-15,17	-13,71
Material elétrico e de comunicações	6,89	-12,01	5,63	3,75	1,18	2,24
Material de transporte	8,59	-7,08	-2,39	-3,21	-4,23	-2,25
Madeira	6,84	-13,83	6,99	6,20	4,62	3,67
Mobiliário	-8,69	-4,69	-8,14	-12,89	-9,30	-8,79
Papel e papelão	5,59	1,83	1,07	5,13	1,32	2,39
Borracha	35,15	-12,56	14,57	14,91	9,71	12,23
Couros e peles	2,11	-9,15	-14,47	-10,73	-8,28	-6,66
Química	27,61	6,08	2,24	-3,02	-0,80	3,12
Perfumaria, sabões e velas	12,03	7,59	4,19	14,64	18,59	18,19
Produtos de matérias plásticas	14,28	-11,63	19,12	16,77	12,39	11,31
Têxtil	28,77	-13,27	-12,45	-4,71	2,84	5,63
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	-4,34	-18,89	-2,91	-1,40	0,57	-0,20
Produtos alimentares	15,12	-1,99	-2,17	-0,53	-2,18	-0,36
Bebidas	121,45	-11,43	9,97	32,56	30,84	29,52
Fumo	-37,70	-21,90	-11,17	4,91	26,70	26,16

FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número índice (2000). [on line]. Disponível na Internet via [WWW.URL http://www.sidra.ibge.gov.br/](http://www.sidra.ibge.gov.br/) Arquivo capturado em 13 de jan.

(1) Os dados têm como base igual mês do ano anterior = 100. (2) Os dados têm como base igual período do ano anterior = 100.

Bebidas (29,52%) e fumo (26,16%), seguidos de metalúrgica (8,23%) e química (3,12%), foram os gêneros que mais fortemente influenciaram o aumento de 1,24% verificado na produção da indústria de transformação no período jan.-nov./99, havendo contribuído, respectivamente, com 1,09, 0,72, 0,65 e 0,64 pontos percentuais para a formação da taxa da indústria geral. Mas também se

sobressaem as taxas de crescimento de perfumaria, sabões e velas (18,19%), borracha (12,23%), produtos de matérias plásticas (11,31%) e têxtil (5,4%). Esses gêneros, entretanto, possuem peso reduzido na estrutura do valor adicionado da indústria de transformação, contribuindo pouco para a formação da taxa global.

Os impactos negativos concentraram-se em mecânica (-13,71%) e mobiliário (-8,79%), participando, respectivamente, com -1,92 e -0,41 pontos percentuais na composição do crescimento do indicador acumulado em jan.-nov./99. O destaque cabe ao primeiro, tendo em vista a sua elevada participação na geração do valor adicionado da indústria, sendo que o seu desempenho desencadeia fortes impactos sobre a evolução da produção industrial. Além desses, também registraram taxas acumuladas de crescimento negativas os gêneros couros e peles (-6,66%) e material de transporte (-2,25%), ambos com reduzida participação no valor adicionado do setor. Por último, devem ser destacados os resultados alcançados por produtos alimentares (-0,36%) e vestuário, calçados e artefatos de tecidos (-0,20%), que, apesar de apenas levemente negativos, são importantes devido a seu peso na matriz industrial gaúcha.

Cabe lembrar que o desempenho positivo ou negativo da indústria estadual, assim como o da nacional, vem sendo amplamente direcionado pelas medidas de política econômica adotadas pelo Governo Federal, uma vez que estas repercutem diretamente sobre setores específicos ou sobre a indústria como um todo. Nesse sentido, a estreita vinculação da indústria gaúcha com a agricultura (tanto como fornecedora de insumos e de equipamentos quanto como processadora de seus produtos), o direcionamento de parcela expressiva da produção para o mercado externo e a própria composição da pauta de exportações refletem peculiaridades locais que determinam a reação dos setores industriais às medidas de política econômica tomadas pelo Governo Federal. No valor adicionado da indústria gaúcha, são particularmente representativos os gêneros mecânica, produtos alimentares, bebidas e fumo (estritamente vinculados à atividade agropecuária e à exportação) e química e mobiliário, que, somados, respondem por 75% do valor total, conforme estimativas realizadas pelo Núcleo de Contabilidade Social da FEE.

De acordo com a Tabela 4, os melhores desempenhos no ano ocorreram nos gêneros bebidas e fumo, cuja participação no valor adicionado da indústria de transformação se situa em torno de 7%. No que se refere a bebidas, em 1999, além do aumento na demanda por refrigerantes e da comercialização de champanha muito acima das expectativas, em razão dos festejos do *revelion* do ano 2000, os vinhos experimentaram expressivos acréscimos de produção e vendas, em decorrência do encarecimento do produto importado e face à "(...) melhoria da qualidade, demonstrada pelas premiações internacionais, no 'mo-

dismo' do produto e na veiculação pela mídia dos benefícios para a saúde dos consumidores" (INDÚSTRIA..., 1999a, p.2). Esse bom desempenho dos subprodutos da uva deverá repetir-se nos próximos anos, tendo em vista a colheita de uma boa safra em termos de volume e qualidade em 1999. Também deve ser ressaltado o início das operações da nova fábrica da Brahma, com uma capacidade instalada superior à anteriormente existente.

Por sua vez, com relação ao fumo, o bom desempenho no ano deveu-se a uma conjunção de fatores favoráveis, centrados, basicamente, no mercado interno. De um lado, o aumento da capacidade instalada advindo da construção de novas plantas de processamento de fumo em folha, bem como da ampliação das já em funcionamento em período recente, e, de outro, a ocorrência da segunda maior safra de fumo já colhida no Brasil, com produtividade muito acima da esperada, elevaram sobremaneira os níveis de atividade da indústria fumageira. Além disso, o Rio Grande do Sul, apesar de responder por apenas metade da produção brasileira de fumo no Brasil, é responsável pelo processamento de 92% da mesma, exportando-a pelo porto de Rio Grande (GUIMARÃES, 1999). Assim, é fácil entender as razões do excelente desempenho produtivo do gênero num ano em que os preços internacionais do fumo em folha processado se encontravam deprimidos, uma condição afeita a praticamente todas as *commodities*.

O setor foi atingido negativamente pela desvalorização do real, tendo em vista a imediata solicitação de reduções dos preços pelos clientes e o aumento médio de 20% dos insumos, que, em alguns casos, chegou a 60%. Para o ano 2000, deverá haver uma redução planejada de safra, como uma medida de adequação à demanda internacional. Por consequência, prevê-se uma queda no nível de atividade dessa indústria (FUMO..., 1999).

Outro gênero a ser destacado devido a sua performance em 1999 é a metalúrgica. Partindo de uma taxa negativa no acumulado jan.-nov./98, esse gênero foi experimentando taxas crescentes ao longo do ano, de modo a chegar em novembro com um resultado positivo de 15,66% na comparação com o mesmo mês de 1998 e de 8,23% no indicador acumulado até esse mês. Esse comportamento está a refletir o melhor desempenho dos bens intermediários em nível nacional, fortemente associado ao comportamento do subsetor de insumos industriais elaborados (nafta, blocos e chapas de aço, por exemplo) e ao de outras indústrias, como a da borracha. Os bens intermediários beneficiaram-se do movimento de substituição de importações de insumos que se fez presente na indústria brasileira em razão da desvalorização cambial que encareceu os produtos importados. Especificamente com relação à indústria da borracha no Rio Grande do Sul, a Tabela 3 mostra taxas de crescimento acumuladas positivas ao longo de 1999, refletindo a busca por novas atividades em componentes no mercado interno.

Também pertencente à categoria de bens intermediários, destaca-se o gênero química, que, embora não se situe entre as taxas acumuladas mais elevadas, responde por mais de 6% do valor adicionado da indústria de transformação no Estado. Seu desempenho vem sendo amplamente influenciado pela ampliação da central de matérias-primas da Companhia Petroquímica do Sul (Copesul) do Pólo Petroquímico de Triunfo e pelos investimentos em plantas de segunda geração⁹. Além da ampliação da capacidade produtiva, foram incorporados novos produtos à produção petroquímica, para abastecer o mercado das Regiões Sul e Sudeste. Essa situação remete para o bom desempenho dos produtos de matérias plásticas, que também vêm sendo impulsionados por novas plantas de terceira geração, tais como a Innova, que entraram em funcionamento no segundo semestre de 1999. A indústria de plásticos projeta um aumento nas vendas, principalmente porque a substituição de importações provocada pela desvalorização do real vem permitindo a prática de preços similares aos do mercado internacional (CUSTO..., 1999).

Por último, cabe destacar o desempenho da indústria têxtil, que evoluiu de uma taxa negativa no primeiro trimestre para uma taxa positiva de 5,64% no indicador acumulado até novembro. O setor foi destaque no segmento de bens semiduráveis, ao conseguir reverter uma seqüência de vários anos de resultados negativos. Essa boa performance foi possibilitada, em grande parte, pelos vultosos investimentos em modernização do parque fabril têxtil brasileiro (em torno de US\$ 6 bilhões em máquinas, tecnologia e capacitação profissional). Um outro fator que contribuiu para o bom desempenho desse gênero no Rio Grande do Sul foi o alongamento da estação fria, demandando roupas de malha mais grossa, que são a especialidade das malharias da Região da Serra.

Dentre os gêneros de desempenho desfavorável, no período jan.-nov./99, destacam-se mecânica (-13,71%), mobiliário (-8,79%), material de transporte (-2,25%), produtos alimentares (-0,36%) e vestuário, calçados e artefatos de tecido (-0,20%).

Mecânica (bens de capital) e mobiliário (bens duráveis de consumo) foram aqueles cujo desempenho negativo maior impacto teve na formação da taxa geral da indústria em 1999, de modo que, na sua ausência, certamente a produção industrial teria crescido muito mais do que 1,24% nos primeiros 11 meses desse ano. A magnitude do impacto desses gêneros na formação da taxa global

⁹ Destacam-se aqui empresas como a Ipiranga Petroquímica, a OPP, a Petroquímica Triunfo, a DSM e a Petroflex.

explica-se pela elevada participação que os mesmos detêm no valor adicionado da indústria de transformação gaúcha, em 1998: respectivamente, 35,3% e 7,6%.

No Rio Grande do Sul, conforme já foi ressaltado em edições anteriores desta revista, o gênero mecânica é composto, em grande parte, pela produção de máquinas e implementos agrícolas e suas peças e componentes. Assim, quando esse segmento apresenta problemas de realização da produção, estes se refletem no desempenho do gênero como um todo. Nesse sentido, as dificuldades encontradas pelos fabricantes daqueles produtos no Rio Grande do Sul, assim como no Brasil, em 1999, foram determinantes para a formação da taxa negativa do gênero. No caso específico do Rio Grande do Sul, que respondeu por 43,5% da fabricação nacional de tratores de rodas e por 64,4% da de colheitadeiras em 1998 (Anu. Estat. Indústr. Autom. Br., 1999), o desempenho dessa indústria é particularmente importante, haja vista os efeitos que se manifestam ao longo de toda a cadeia produtiva automotiva.

Fatores como dificuldades de acesso ao crédito agrícola, baixa valorização dos produtos agrícolas no mercado interno, queda nas cotações internacionais de grãos (principalmente soja), queda nas exportações para os países do Mercosul, em especial a Argentina, endividamento do setor agrícola e aumento nos preços dos fertilizantes e defensivos que dependem de matéria-prima importada, dentre outros, são apontados como os responsáveis pela má performance dessa indústria em 1999.

As perspectivas são, todavia, menos pessimistas. Até novembro, as vendas de máquinas agrícolas automotrizes ao mercado interno no Brasil acumulavam praticamente o mesmo número de unidades vendidas no mesmo período em 1998. Já a exportação, que representou cerca de 26% em 1998, registrou uma queda de -56,10% em unidades comercializadas (Carta ANFAVEA, 1999). A FIERGS é ainda mais enfática com relação à recuperação desse setor, informando que, nos últimos meses do ano, houve um incremento significativo nas compras e nas vendas de máquinas agrícolas, a ponto de apresentarem um dos melhores desempenhos setoriais medidos pelo Índice de Desempenho Industrial (IDI), divulgado por essa entidade (INDÚSTRIA..., 1999b).

Cabe lembrar que, potencialmente, as perspectivas dessa indústria são muito boas, pois o parque nacional de máquinas agrícolas encontra-se relativamente sucateado. Cerca de 35% dos tratores já estaria ultrapassando a idade operacional limite (15 anos) e 25% das colheitadeiras (16 anos), ocasionando redução da produção e perdas na colheita. Segundo o Sindicato de Máquinas Agrícolas do Estado do RS (Simers), essa situação se agrava no Rio Grande do Sul, uma vez que é o estado que possui a frota mais antiga do País (BRASIL..., 1999).

Em relação a mobiliário, a performance desfavorável soma-se à redução já ocorrida no ano anterior, evidenciando as dificuldades que os fabricantes de

móveis no Estado estão enfrentando no último biênio. Após um grande crescimento na primeira metade da década, quando os investimentos em modernização e aumento de capacidade instalada nessa indústria lhe renderam um aumento expressivo de participação no PIB da indústria de transformação, os fabricantes estão agora enfrentando o que, para alguns, é uma “crise de oferta abundante de produtos e não propriamente de demanda interna” (ARRUDA, 1999, p.A-8). Adicionalmente, a indústria, em 1999, sofreu os efeitos negativos da expressiva diminuição nas exportações, as quais se direcionavam, primordialmente, para o Mercosul.

A indústria moveleira gaúcha diferencia-se da de outros estados brasileiros pelo seu elevado investimento em *design* e qualificação de mão-de-obra, buscando agregar valor ao móvel. Essas ações visam ampliar seu espaço no mercado interno, mas, também, no mercado externo. Aqui, diferentemente dos demais pólos moveleiros do País, o investimento em *design* é mais generalizado, e as grandes empresas exportadoras têm procurado colocar seus produtos com *design* e marca próprios, ao invés de apenas reproduzir os modelos desenvolvidos nos países importadores.

De um modo geral, entretanto, tem se observado uma tendência à busca de móveis especializados, dirigidos para determinados nichos de mercado. Além disso, há o custo da mão-de-obra e da matéria-prima, principalmente desta última, por causa da grande distância, que acarreta fretes elevados. A disponibilidade de mão-de-obra a custos mais reduzidos, assim como a oferta de vantagens fiscais tentadoras, também tem mobilizado empresas gaúchas fabricantes de móveis. Recentemente, a Todeschini, a maior fábrica de cozinhas no País, foi beneficiada com o Fundo Operação Empresa (Fundopem)¹⁰, já revisado, para permanecer no Rio Grande do Sul¹¹ (CONSELHO..., 1999).

¹⁰ O Fundo Operação Empresa foi criado com o objetivo de incentivar a implantação, a modernização e a ampliação de empresas no Rio Grande do Sul. No começo de 1999, teve suas atividades suspensas para reavaliação. As novas regras de concessão de benefícios aos investimentos foram aprovadas em novembro e baseiam-se em um sistema de pontuação que leva em consideração cinco critérios: (a) geração de empregos (30 pontos); (b) diversificação e fortalecimento da matriz produtiva (20 pontos); (c) desconcentração da produção industrial (20 pontos); (d) melhoria na qualidade do ambiente (15 pontos); (e) contribuição para o aperfeiçoamento tecnológico do parque industrial (15 pontos). O projeto precisa atingir um mínimo de 35 para ser enquadrado no Fundopem. A partir de 70 pontos, o projeto é enquadrado no benefício máximo, que prevê financiamento equivalente a 75% do ICMS mensal gerado (CONSELHO..., 1999).

¹¹ Minas Gerais e Bahia acenaram com incentivos fiscais, fornecimento de matéria-prima e frete mais baixo, além do argumento da proximidade com o mercado consumidor de Rio de Janeiro e São Paulo, que representa quase 50% do consumo nacional de móveis.

Dentre as demais taxas negativas, pode-se destacar material de transporte; vestuário, calçados e artefatos de tecidos; e produtos alimentares. O desempenho desfavorável de material de transporte acompanha o recuo na produção automobilística em nível nacional. Vestuário, calçados e artefatos de tecidos manteve a trajetória de queda iniciada pós-Plano Real, ao encontrar dificuldades no enfrentamento da concorrência dos calçados asiáticos, especialmente os chineses, tanto no mercado interno como no externo. A desvalorização do real no início de 1999, entretanto, começa a surtir efeito principalmente na indústria calçadista, e, nos últimos meses do ano, já se retomava a produção e o emprego no Vale do Sinos, resultado decorrente dos novos contratos de exportação. Com relação a produtos alimentares, é importante observar que se trata do segundo ano consecutivo de taxas negativas. Embora reduzido, o recuo na produção desse gênero é relevante em razão de sua elevada participação no valor adicionado da indústria de transformação do RS: 21% em 1998.



Em suma, a lenta recuperação no ritmo da produção industrial foi a principal característica da evolução das indústrias brasileira e gaúcha em 1999, cujo perfil mais generalizado se acentuou a partir de junho, no caso do Rio Grande do Sul, e agosto, no caso brasileiro. A observação mais importante refere-se à frustração das projeções de recessão e retorno de altas taxas de inflação efetuadas no início do ano, logo após a brusca desvalorização do real.

Na indústria gaúcha, os avanços na produção de fumo em folha beneficiado (gênero fumo), de vinho e refrigerantes (gênero bebidas), de fechaduras e blocos de aço (gênero metalúrgica) e de nafta e polietileno (gênero química) representaram as principais contribuições positivas para o crescimento do indicador acumulado ao longo do ano, embora se revezando em importância. Por sua vez, os maiores impactos negativos na composição da taxa global vieram dos recuos na produção de colheitadeiras e tratores agrícolas (gênero mecânica) e de cadeiras e mesas de madeira (gênero mobiliário).

Ao longo do ano, com o restabelecimento de um ambiente econômico mais estável e, por assim dizer, mais confiável, a atividade industrial gaúcha voltou a ganhar ímpeto, embora não de forma generalizada, pois alguns setores continuaram a amargar elevadas taxas de crescimento negativas. De um modo geral, pode-se dizer que foram os gêneros ligados ao setor externo que mais encontraram fôlego para retomar suas atividades, concentrando-se essa recuperação nos últimos meses do ano.

Por conseguinte, há forte indicativo de que o ano 2000 deverá iniciar com um nível de produção igual ou superior à média de 1999.

Bibliografia

- ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA INDÚSTRIA AUTOMOBILÍSTICA BRASILEIRA : 1957-1998 (1999). São Paulo : ANFAVEA.
- ARRUDA, Guilherme (1999). Setor moveleiro enfrenta estagnação. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, p.A-8, 28 jun.
- BOLETIM DE CONJUNTURA (1999). Rio de Janeiro : IE/UFRJ, v.19, n.3, out.
- BRASIL precisa novas tecnologias (1999). **Jornal do Comércio**. Porto Alegre, p.4, 1 set. (Expointer 99).
- CARTA DA ANFAVEA (1999). São Paulo : ANFAVEA, n.163 dez.
- CIARELI, Mônica (2000). Produção industrial pode crescer 2%. **Estado de São Paulo**, p.B-9, 6 jan.
- CONSELHO aprova o novo Fundopem (1999). **Zero Hora**, Porto Alegre : RBS, p.18, 23 nov.
- CUSTO limita faturamento no plástico (1999). **Gazeta Mercantil:RS** , Porto Alegre, p.1, 23-26 dez.
- DESEMPENHO macroeconômico: a economia brasileira em 1999, O (1999). Rio de Janeiro : CNI.
- FUMO gaúcho bate recorde na exportação (1999). **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, p.9, 13 dez.
- GUIMARÃES, Luiz. (1999). Exportação de fumo bate novo recorde. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, p.B-20, 12-15 nov.
- INDÚSTRIA do RS se recupera em agosto. (1999a). **Folha de São Paulo**, São Paulo, p.B-2, 8 out.
- INDÚSTRIA gaúcha cresce 1,3% em 1999 (1999b). **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, p.7, 15 dez.
- LANZANA, Antonio (1999). Nível de atividade. **Informações FIPE**, São Paulo : FIPE/USP, n.231, p.9-11, dez.
- LENTA recuperação da indústria, A (1999). **Súmula Econômica**, Porto Alegre : FIERGS, p.24-28, ago./set.
- MATTOS, Adriana (1999). Eletros vendem 18% menos em 1999. **Gazeta Mercantil**. p.A-4, 23-26 dez.

- PASSOS, Maria Cristina, CAMPOS, Sílvia Horst (1999). O desempenho da indústria em 1999. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v.26, n.4, p.39-56.
- PASSOS, Maria Cristina, LIMA, Rubens Soares de (1999). O desempenho da indústria no primeiro quadrimestre de 1999. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v.27, n.2, p.59-70.
- SEVERO, Rivadavia (1999). Indústria gaúcha fecha no azul. **Gazeta Mercantil**: RS, p.1, 10-12 dez.
- PESQUISA industrial mensal; produção física regional (1999). [on-line] Disponível via Internet **WWW.URL** <http://www.ibge.gov.br/estatistica/indicadores/industria/pimpfregional/> Arquivo capturado em 12 jan.
- PRODUÇÃO física industrial; número índice (1999). [on line]. Disponível na Internet via **WWW.URL** <http://www.sidra.ibge.gov.br/> Arquivo capturado em 12 de jan.
- VENDAS de máquinas agrícolas perde o fôlego (1999). **Gazeta Mercantil**. p.B-20, 6 jul.